

3/7/1986

Bóias-frias de Araras continuam em greve contra sistema de pagamento

Da Reportagem Local

Cerca de doze mil cortadores de cana, segundo as lideranças dos trabalhadores, ou apenas três mil, de acordo com o setor patronal, estão parados na região de Araras, a 137 km ao norte de São Paulo, reivindicando o sistema de pagamento por metro linear e não por tonelada.

A greve foi julgada ilegal ontem pelo Tribunal Regional do Trabalho (TRT), em São Paulo, sete dias depois da assinatura de um acordo coletivo entre a Federação dos Trabalhadores na Agricultura do Estado de São Paulo (Fetaesp) e representantes dos plantadores de cana e produtores de açúcar e álcool.

O acordo, classificado pelo ministro do Trabalho, Almir Pazzianotto, 49, como resultado de uma evolução das negociações na área rural, estabeleceu as remunerações de Cz\$ 11,26 (cana de 18 meses) e Cz\$ 10,74 (cana de outros cortes) por tonelada nas propriedades independentes e Cz\$ 12,61 e Cz\$ 12,03 respectivamente nas companhias agrícolas ligadas às usinas de açúcar ou destilarias de álcool. A Fetaesp, no entanto, reivindicava o pagamento por metro linear, entre Cz\$ 1,00 e Cz\$ 1,65 conforme o tipo de cana cortada e denunciou que o acordo foi praticamente imposto pelas entidades patronais. Daí a greve que completou ontem o seu terceiro dia.

Segundo Vitor Faria, 46, diretor-tesoureiro da Fetaesp, o movimento envolve doze mil cortadores de cana da base territorial do Sindicato dos Trabalhadores rurais de Araras, que inclui também os municípios de Leme, Conchal, Moji-Mirim e Moji-Guaçu. Em consequência da greve, teria sido totalmente paralisada a produção nas usinas Nova Lusa (Moji-Guaçu), São João, Santa Lúcia e Palmeiras (Araras) e Cresciumal (Leme). Ainda na região norte do Estado, o movimento teria se estendido às usinas Esther, em Gusmópolis, Santa Rita, em Santa Rita do Passa Quatro, e São Luís, em Santa Cruz das Palmeiras.

No entanto, para o Sindicato dos Produtores de Açúcar no Estado de São Paulo, o movimento envolve apenas três mil trabalhadores, paralisando parcialmente algumas usinas.

(Primeiro Caderno — Página 31)